

CONSTRUÇÕES CLIVADAS EM PEÇAS TEATRAIS DOS SÉCULOS XVIII E XIX

Soraia Oliveira Rebouças Figueredo (UFBA)
soraiareboucas@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB) apresentam diferenças fonológicas, lexicais, morfológicas e sintáticas. No que diz respeito especificamente ao último subsistema, pelo menos desde 1980, pesquisas vêm tratando das distinções existentes entre a sintaxe brasileira e a europeia, a exemplo de Tarallo (1995).

A tentativa de esclarecer fenômenos que assemelham e opõem o PE do PB envolve algumas questões e debates sobre a origem do PB. Segundo Ribeiro (2003), os estudos feitos para se definirem as características sintáticas do PB centram-se em duas possibilidades: a da sua provável origem crioula, com subsequente descrioulização, ou a da mudança natural que qualquer sistema linguístico sofre com o tempo.

Galves (2001), por exemplo, enfatiza as discordâncias entre o PE e o PB nas construções de tópico, no sistema pronominal, no de concordância e na relação entre o estatuto dos elementos pré-verbais e a estrutura da frase. Em relação à estrutura pronominal, a autora propõe que a diferente colocação dos pronomes em PB é uma consequência do enfraquecimento da concordância nesta língua. Essa proposta de explicação é assumida por outros linguístas como Duarte (1995) e Lucchesi (2009). A referida autora descreve ainda o comportamento divergente entre os sujeitos nulos referenciais do PE e do PB, mostrando que não é rigoroso dizer simplesmente que o PB deixou de ser uma língua de sujeito nulo.

Em outras línguas, as estratégias de focalização em construções de clivagem e pseudo-clivagem são um fenômeno sintático discursivo bastante estudado. A clivagem é caracterizada como um tipo de sentença marcada, relacionada a estratégias sintáticas que o falante utiliza para destacar um constituinte dentro de uma elocução.

Na língua portuguesa, as gramáticas normativas geralmente não mencionam a existência das construções clivadas. Como observa Franco (2007, p. 22), “Alguns gramáticos apresentam exemplos de clivadas invertidas e mencionam que a partícula ‘é que’ caracteriza-se como uma partícula invariável, usada como elemento de realce”. Ela afirma ainda que as gramáticas normativas nada mais dizem sobre as diferentes possibilidades da clivagem.

Os gerativistas, diferentemente dos gramáticos, procuram caracterizar o fenômeno da clivagem, definindo as restrições sintáticas observadas nas línguas para focalizar um constituinte de uma sentença. Para Modesto (2001, p. 21), clivadas “são sentenças especificacionais em que um movimento A-barrado dispara leituras características de contraste, exclusividade e exaustividade”. Ainda segundo o autor, uma construção só será classificada como clivada se trouxer uma informação nova na posição de foco. Observe-se o exemplo abaixo

(1) Foi o *xale*_i que (a) Joana levou *t*_i.

Nesse exemplo, o elemento clivado, *o xale*, é o foco da sentença e foi movido da posição de objeto da oração para a matriz.

Kato et ali (1996) fornecem da mesma maneira informações sobre as sentenças clivadas. Para as autoras, entende-se por orações clivadas “um conjunto de construções-Q usadas para salientar um constituinte sintaticamente como foco sentencial”. O foco é o elemento ressaltado prosodicamente. As autoras apresentam alguns tipos básicos de construções clivadas encontradas em outras línguas e, também, no português brasileiro:

a) Clivada básica (CLIV)

(2) Foi *Pedro* que Maria socorreu.

b) Clivada invertida (CLIV-inv)

(3) *Pedro é* que socorreu Maria

c) Pseudo-clivada (PC)

(4) Quem Maria socorreu foi *Pedro*

d) Pseudo-clivada invertida (PC- inv)

(5) *Pedro* foi quem Maria socorreu

Ribeiro e Côrtes (2009) estudam outros tipos de estruturas clivadas encontradas nos textos de Modesto (2001), Kato (2001) e Kato et ali (1996), igualmente encontradas no PB e em outras línguas:

e) Pseudo-clivada extraposta

(6) *É a Maria* quem quer morrer

f) Pseudo-clivada reduzida

(7) Eu quero *é um cafezinho*

g) Copular pseudo-clivada

(8) Bonito *é o Pedro*

h) Não-copular pseudo-clivada

(9) O livro pego *eu*

i) Clivada sem cópula

(10) *Pedro* que morreu

j) Clivada sem é que

(11) *Pedro* morreu.

Ressalta-se que as estratégias em (i-j) não são atestadas no PE e que (f) só é possível no PE se o constituinte focalizado não é o sujeito da sentença.

1.1 PROBLEMA

Em face da problemática antes apresentada e com base na documentação escrita selecionada, refletiu-se sobre questões de mudança sintática no PB, sobretudo em relação às estratégias de focalização inovadora no PB, em oposição ao PE, tentando responder às seguintes perguntas:

- Na documentação escrita analisada do PB, quando surgem as construções clivadas e pseudo-clivadas?
- Quais tipos de construções clivadas e pseudo-clivadas ocorrem no corpus estudado do século XVIII e XIX, em PE e em PB?
- Quais os tipos que predominam?
- Qual a frequência de uso na escrita dos diferentes tipos de clivagem nos dois dialetos?
- Quais estruturas sintáticas de clivagem são atestadas / possíveis em cada um dos dialetos?

1.2 QUESTÃO NORTEADORA

O estudo de Kato et al (1996), sobre as construções pseudo-clivadas (PC), clivadas (CLIV) e clivadas invertidas (CLIVinv), mostra que o menor percentual de ocorrência em todos os tipos de discurso investigados nos dados do NURC/SP foram das sentenças CLIV. Como o projeto NURC reflete a norma urbana culta, esperou-se que, em peças teatrais dos séculos XVIII e XIX, este resultado apresentasse algumas diferenças, já que se considera que é nos séculos XVIII e XIX que se dá grande parte das mudanças da sintaxe brasileira (TARALLO, 1993).

1.3 OBJETIVO GERAL

Analisar as construções clivadas e pseudo-clivadas, à luz da teoria gerativa, em *corpora* de cartas oficiais do século XVIII e XIX, representando o português brasileiro, e em cartas da Marquesa D'Alorna e Ramalho Ortigão, dos séculos XVIII e XIX, respectivamente, para o estudo do português europeu.

1.3.1. Objetivos específicos

- Descrever aspectos sintáticos para a identificação das construções clivadas e pseudo-clivadas;
- Quantificar as ocorrências de clivagem e de pseudo-clivagem para identificar o tipo de construção mais usada;
- Mostrar as funções sintático-discursivas realizadas nos usos da clivada e da pseudo-clivada;
- Comparar os resultados obtidos com outras pesquisas sobre o mesmo fenômeno.

1.4 JUSTIFICATIVA

Segundo Kato e Ribeiro (2004, 2005), as construções clivadas são atestadas no PE desde o século XVII e as pseudo-clivadas desde o século XIV. No entanto, os estudos de Côrtes (2006) e de Ribeiro e Côrtes (2009) mostram que as estratégias não são as mesmas nos dois lados do Atlântico.

No que tange ao PB, há estudos sobre esse fenômeno em comunidades de fala culta contemporânea (KATO et al, 1996) e em comunidades de fala de afro-descendentes (CÔRTEZ, 2006; FRANCO, 2007). Faltava ainda uma investigação diacrônica das construções clivadas e das pseudo-clivadas em norma culta, para comparar com os resultados de Kato et al e Côrtes, bem como encontrar algumas explicações sobre as estratégias de clivagem que tornam a sintaxe do português brasileiro tão peculiar.

2 MÉTODOS E TÉCNICAS

As construções clivadas e pseudo-clivadas foram observadas, identificadas, quantificadas e analisadas nos seguintes *corpora*:

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 44 ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

CORTES, Moacir da Silva. **Clivadas e pseudo-clivadas**: um estudo de suas realizações estruturais no português rural afro-brasileiro. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

FRANCO, Paula Vanessa Santos. **Focalização e Clivagem**: estudo de construções clivadas no português rural de Portugal. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

GALVES, Charlotte. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas: Unicamp, 2001.

KATO, Mary A. et. alii. **As construções-Q no português brasileiro falado**: perguntas, clivadas e relativas. In: KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português falado**. 2 ed. Campinas: Unicamp, 1996. p. 309-374.

KATO, Mary; RIBEIRO, Ilza. **A evolução das estruturas clivadas no Português**: período V2. São Paulo: Unicamp, 2004.

KATO, Mary; RIBEIRO, Ilza. **Cleft Sentences and WH-Questions in brasilian portuguese**: A diachronic analysis. São Paulo: Unicamp, 2005.

MODESTO, Marcello. **As construções clivadas no português do Brasil**: Relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia. São Paulo: Humanitas. 2001.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1995.

RIBEIRO, Ilza M^a de O. Focalização e clivagem. **Estudo das suas realizações estruturais na história do português**. Projeto de pesquisa encaminhado ao CNPq. 2003.

RIBEIRO, Ilza; CÔRTEZ, Moacir. **As construções pseudo-clivadas e clivadas**. In: LUCCHESI, Dante (org). **Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p 209 – 228.